

A ESCRITA DA HISTÓRIA SEGUNDO ALFREDO PIMENTA

ROTA, Alesson Ramon (autor/es)
CHAIGAR, Vânia (orientador)
alessonramon@hotmail.com

Evento: Mostra de Produção Universitária
Área do conhecimento: História

Palavras-chave: Teoria da História; Escola Metódica; Círculo Hermenêutico

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo capítulo tem como objetivo evidenciar a relação entre objetividade e subjetividade na operação historiográfica de Alfredo Pimenta a partir da Hermenêutica. A obra *Meus Elementos de História de Portugal (1935)* contém reflexões de Alfredo Pimenta sobre a História. Esta obra é escrita para fundamentar teoricamente o livro didático *Elementos de História de Portugal (1934)*. Acontece que Pimenta recebeu muitas críticas sobre seu livro e nem todas eram “uma resposta sincera”, como diz o autor. Segundo Pimenta haviam difamadores que queriam destruí-lo, que não levavam em consideração sua erudição e personalidade. Assim, a partir do questionamento sobre “o que é História” para Alfredo Pimenta é possível perceber os conflitos existenciais do autor em relação ao mundo, que inclui suas escolhas frente a formação do Estado Novo português.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho encontra-se alicerçado na Teoria da Compreensão, mais conhecido como Círculo Hermenêutico. Dentre tantas definições existentes do Círculo adotarei a de Paul Ricoeur. Para Ricoeur:

Heidegger não quis considerar nenhum problema particular a respeito da compressão de tal ou tal ente: ele quis reeducar o nosso olho e reorientar o nosso olhar; ele quis que subordinássemos o conhecimento histórico à compreensão ontológica, como uma forma derivada de uma forma originária. Mas não nos dá nenhum meio de mostrar em que sentido a compreensão propriamente histórica é derivada dessa compreensão originária. Não vale mais, por consequência, partir das formas derivadas da compreensão, e mostra nela os sinais de sua derivação? Isto implica que se parta do próprio plano em que a compressão se exerce, isto é, do plano da linguagem. (RICOEUR, 1988, 12).

Com isso, o autor aqui analisado avança a proposta de Heidegger com uma compreensão humana através da linguagem. Agora parte-se das formas derivadas da compreensão originária, isto é, os sentidos que devem ser percebidos através da linguagem, para se chegar a sua derivação: a história e a literatura. Em outras palavras, a compreensão humana se dá através da linguagem textual construída através de um enredo, o que posso chamar, também de narrativa; na narrativa está constituída as vivências humanas com suas contradições, conflitos, esperanças, ações, reflexões e outras características que constituem a práxis do humano, porque é na linguagem que se revela a face do homem. Pode-se perceber que Ricoeur ficou

a meio termo entre uma hermenêutica existencial e metodológica.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

A via longa é o percurso metodológico que Paul Ricoeur percorre para estruturar a sua filosofia hermenêutica. Paul Ricoeur entende que o campo empírico das humanidades é a literatura e a história, que são construções derivadas da compreensão originária. Já a compreensão originária é a própria linguagem. Então é preciso desenvolver metodologias em torno da linguagem, como, por exemplo, o conceito de símbolo e de metáfora para melhor explorar as experiências do homem.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A História proposta por Alfredo Pimenta revelou um profundo desgaste da Escola Metódica durante a década de 1930. Nesta época o Historicismo já havia se renovado, mais uma vez, com Dilthey e com Max Weber, mas Pimenta não dialogou com estes autores no campo da História. O contexto português rogava por autores nacionalistas e autoritários, o que explica o porquê da devoção de Pimenta à Escola Metódica. Ainda em Portugal procurava-se valorizar um líder para pôr fim às inúmeras tentativas de Golpe ocorridas durante a década de 1920. O desgaste da Escola Metódica é evidente quando surgem conflitos no ofício do historiador. O principal conflito gira em torno da objetividade e da interpretação. Alfredo Pimenta crê em poder chegar à História por meio dos fatos subsidiados pelas fontes. Mas ao mesmo tempo, ele admite que sua história – e de outros conhecidos historiadores – possui interpretação, isto é, possui elementos considerados subjetivos. Contudo, no contexto de Alfredo Pimenta, a necessidade de uma História Patriótica fez com que as contradições fossem amortecidas por uma necessidade do momento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ainda está em fase de finalização e faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso. A princípio ela foi dividida em quatro partes: formulações sobre a teoria da compreensão, identificação da operação historiográfica em *Meus elementos*, distinção entre Teoria da História e Filosofia da História e, por último, o papel do Estado Novo na escrita da História de Alfredo Pimenta. A última parte ainda está fase de planejamento e será confeccionada até o final do ano. A resposta da minha problematização nos possibilita pensar problemas referentes às escolhas metodológicas, às divergências de interpretações, à formação de opinião, à confecção de livros didáticos, à dicotomia entre saber escolar e saber acadêmico, aos diversos atores envolvidos em uma construção narrativa e outras questões que envolvem o mundo historiográfico.

REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo, Volume I. 15ªed, Petrópolis, RJ, Editora Vozes; Ed Universitária São Francisco, 2005.
- RICOEUR, Paul. Existência e Hermenêutica IN: O Conflito das Interpretações. Porto, Res Editora, 1988.